

Um sonho ameaçado de morte

Zuenir Ventura e Elson Martins

JB — Você é mesmo, como se diz, 'a mulher dos dólares'?

Ilzamar — Sei que dizem isso, mas é um absurdo. Quase dois anos depois da morte do Chico, o único recurso que recebi foi dos direitos autorais do filme sobre a vida dele. Nenhum outro recurso, de qualquer entidade, de qualquer canto, nunca chegou às minhas mãos e nem à família do Chico e nem à Fundação.

JB — Isso é muito grave, porque se sabe que inúmeras entidades internacionais arrecadaram fundo em nome de Chico Mendes ou de sua família.

Ilzamar — Pois é, eu sei disso, mas nenhum desses dólares chegou a mim, à Fundação ou à família do Chico.

JB — Mas, agora mesmo, a entidade japonesa Sasakawa, de meio ambiente, concedeu um prêmio 200 mil dólares.

Ilzamar — Fiquei sabendo desse dinheiro pela imprensa e pelo presidente do Conselho Nacional dos Seringueiros, Júlio Barbosa, que foi realmente quem recebeu os 200 mil dólares. O prêmio foi destinado a 'duas Fundações de Chico Mendes' e eu vou escrever à entidade para esclarecer que só há uma e esta não recebeu nada. Parece que eles não sabem que o Conselho nunca foi fundação. Numa assembléia do Sindicato, eu e o irmão do Chico pedimos esclarecimento ao Júlio e ele respondeu que, se a gente achava que tinha direito, que procurássemos um advogado, porque das mãos dele não ia sair nada nem para a família do Chico nem para a Fundação. Ele disse que o dinheiro era para o Conselho, para o Sindicato de Xapuri e para o Osmarino Amâncio (presidente do Sindicato de Brasília).

JB — Para o Osmarino também?

Ilzamar — O Osmarino recebeu US\$ 50 mil, o Conselho ficou com US\$ 100 mil e o Sindicato de Xapuri com os outros US\$ 50 mil. Para a família e para a Fundação Chico Mendes, nada. É como eu disse: o único recurso que recebemos é dos direitos do filme.

JB — E esse quanto é?

Júlio (que está ao lado) — A família recebeu os 30% a que tinha direito: em torno de uns 3 milhões, valor da época; em cruzados, não em dólares. Ai o Collor ficou praticamente com todo o dinheiro.

Ilzamar — Para esclarecer: o Júlio é o tesoureiro da Fundação e da família, por isso está dando essa explicação. Dos 30%, 20% são para a esposa e filhos e 10% para os irmãos do Chico. Os outros 70% foram para a Fundação.

JB — E como é que você está vivendo?

Ilzamar — Depois desse plano do Collor, a minha situação ficou precária. Estou vivendo praticamente com a ajuda de amigos. Não tenho salário, não tenho trabalho, não tenho como. Os Cr\$ 20 mil que o Júlio ganha como vereador é que nos salva. Com esse dinheiro é que estamos mantendo a casa e os meus dois filhos. As vezes fico pensando na situação da viúva do Wilson Pinheiro, do Ivaí, do Zé Ribeiro, todos líderes seringueiros assassinados. A mulher do Wilson, coitada, desprezada, sem apoio do movimento que o marido liderava, é hoje empregada de fazendeiro. Veja só, está sujeita aos fazendeiros que assassinaram o marido dela. A Neusa só não está nas mãos dos bandidos que mataram o Ivaí porque o sogro ajuda ela até hoje. A Socorro, que teve o marido assassinado pelo mesmo grupo que matou Chico, trabalha em pensão para sustentar seus seis filhos. Eu estaria na mesma situação, se a Mary Alegretti, o Osmarino, o pessoal do Conselho dos Seringueiros tivessem conseguido assinar o contrato que eles queriam com a produtora para filmar a vida do Chico.

JB — Pelo visto, o movimento dos seringueiros em Xapuri está esfacelado.

Ilzamar — Acho que não adianta mais esconder a situação em que se encontra a Fundação Chico Mendes. Um grupo do Conselho, do Sindicato e a Mary criaram tanta briga que a questão foi parar na Justiça. Foi discutido diante de promotor, do juiz e nunca se chegou a um consenso de unidade. Hoje, os recursos da Fundação estão retidos pelo plano do Collor e pelo juiz também. Houve intervenção.

JB — Como é que foi esse rompimento?

Ilzamar — Logo depois da morte do Chico, a Mary Alegretti (presidenta do Instituto de Estudos Amazônicos, de Curitiba, e colaboradora de Chico Mendes) parecia uma pessoa muito interessada em me ajudar. Me telefonava a toda hora, mesmo dos Estados Unidos, foi umas duas ou três vezes a Xapuri, dizia sempre que estava do meu lado, que queria me ajudar, queria me esclarecer, que eu não buscasse outra ajuda. Que eu tinha que procurar só ela. Como eu não queria a presidência, ela insistia: 'você tem que ser a presidenta e eu tenho que ser a vice'. Ai comecei a perceber que ela fazia queimação de todas as pessoas. Em cima do Gilson Pescador, do Gumerindo Rodrigues, em cima de Júlio Barbosa, de Júlio Nicácio. Ninguém prestava, só ela. Queria decidir tudo por mim.

JB — Por exemplo.

Ilzamar — Quando surgiu a Fundação, a idéia foi dela, eu não quis a presidência. Não tinha experiência, nunca tinha ouvido falar em fundação, não podia aceitar. Ai ela disse que eu ficasse tranquila porque quem ia man-

Quase dois anos depois da morte de Chico Mendes, às vésperas de começarem a filmar a sua vida e na semana em que o processo criminal, já encerrado, é devolvido pelo Tribunal de Justiça de Rio Branco à comarca de Xapuri para que seja marcado o julgamento dos réus Darli Alves da Silva e seu filho Darci, a viúva do líder seringueiro, Ilzamar Mendes, teme que a luta do marido tenha sido em vão, tantas são as divisões no movimento dos seringueiros. "Ele lutava por unidade e hoje só há briga entre os antigos companheiros", lamenta.

Aos 25 anos, casada (não oficialmente ainda) com o vereador do PT Júlio Nicácio, de 27, que foi grande amigo de Chico, Ilzamar se considera difamada por versões que tentam apresentá-la à opinião pública como "a mulher dos dólares". Ao desmentir com indignação essa imagem, ela faz grave denúncia: nenhum dos dólares que tem sido enviado de várias

partes do mundo, por meio de prêmios ou doações de entidades ambientais, chegou às mãos dela, da família de Chico ou da Fundação que foi criada logo após a morte do seu marido no dia 22 de dezembro de 1988. "Até hoje não recebi um dólar", garante, esclarecendo que está sustentando os seus dois filhos, Sandino e Elenira, com o que Júlio recebe como vereador. A maior parte do que ganhou ao ceder os direitos para filmagem da vida de Chico foi confiscada pelo Plano Collor. Nesta entrevista, que começou em Xapuri, foi interrompida para que Elenira pudesse festejar o seu (6º) aniversário pela primeira vez depois da morte do pai e terminou em Rio Branco. Ilzamar, ao lado do marido, revela como os dólares — e não os fazendeiros do Acre — conseguiram dividir e ameaçar de extinção o Movimento pelo qual Chico Mendes viveu e morreu. "O sonho do Chico está ameaçado de morte", diz Ilzamar.



dar era ela. Eu tinha apenas que 'representar'. Eu percebi então que ela não queria me ajudar, que estava interessada em alguma coisa. Queria ir para os Estados Unidos falar em nome da viúva de Chico Mendes, queria ser o Movimento, queria ser a Fundação. Quando veio a história do filme, ela decidia tudo, só ela é que viajava. Comecei então a tomar posição contrária. Na questão da escolha da produtora, por exemplo, ela opinava por uma que daria muito dinheiro, mas eu fui contra.

JB — Mas o filme vai acabar sendo feito pela produtora que ela preferia, a Warner.

Ilzamar — Mas com outro contrato, não como ela queria.

JB — Quer dizer que hoje vocês não se falam?

Ilzamar — Não, a partir daí ela brigou. Um dia, por telefone, ela chegou a me mandar, com licença da palavra, a pqp e outros palavrões. A gente não se falou mais. O que eu sei é que ela hoje deve estar muito bem de vida, com tantos dólares que tem ganhado, até mesmo em nome da família do Chico e do Movimento. Ela e o Steve Schwartzman (da entidade americana Environmental Defense Fund). Eu tenho uma carta para quem quiser ver provando que o Steve pediu ajuda em nome do Movimento e da família do Chico. Em março do ano passado, ele telefonou pra minha casa dizendo que já tinha US\$ 70 mil para a Fundação e uma porcentagem para a família. Esse dinheiro não apareceu até hoje.

JB — Sob intervenção e sem dinheiro, o que é a Fundação Chico Mendes hoje?

Ilzamar — É uma pobreza só. Ainda outro dia um jornal daqui publicou que eu estava com dólares e a luz da sede da Fundação tinha sido cortada. Claro que está cortada. Eu não estou recebendo dólares, a Fundação não tem dinheiro. É claro que está cortada a luz, como vai ser cortada a água, o telefone, porque eu não tenho de onde tirar para pagar. Essa confusão toda atrapalha o Movimento, a Fundação e a minha pessoa. Uma das coisas que me preocupa muito, que me revolta é essa história de que estou recebendo dólares. É uma infâmia dizer que eu enriqueci, que eu sou a mulher dos dólares, que eu não preciso, que eu não quero ajudar o Movimento. Isso é muito pesado. Nunca recebi dólares, não estou recebendo como está a Mary, como está o Conselho.

JB — Antes da morte do Chico você tinha

algum problema com essas pessoas do Movimento?

Ilzamar — Uma das coisas que me irritam é isso: como é que as pessoas se transformam! Durante os sete anos que convivi com Chico, essas pessoas viviam dentro da minha casa, inclusive a Mary. O Júlio Barbosa morava no seringal, mas quando vinha à cidade, era dentro da nossa casa que ficava. Hoje é uma pessoa estranha. Vivemos todos juntos, eram companheiros do Chico. Hoje se transformaram em pessoas estranhas, em inimigos até. Uma coisa que não entendo é porque a Mary, que falava mal de todo mundo, está unida com todos contra mim. Ela falou mal do Júlio Barbosa, do Gumerindo, do Osmarino. O mais engraçado é que eles também viviam preocupados com ela e me alertaram. Quando voltei dos Estados Unidos e passei por Curitiba, o Osmarino, o Júlio Barbosa, o Raimundo Barros, o Gumerindo fizeram uma reunião e me disseram: 'Abre o olho com a Mary, toma cuidado. Ela quer te pegar na mão, ela só quer fama'. Eu não entendo porque eles, que me ajudaram a tomar cuidado com ela, estão aliados hoje. Que interesse tem por trás disso?

JB — E que interesse tem?

Ilzamar — Não dá pra esconder porque os jornais estão aí: A Mary está recebendo os dólares lá fora e passando as migalhas pra eles. Os jornais disseram que ela recebeu o prêmio dos japoneses 'em nome de Chico Mendes'. Por que? Autorizada por quem ela fala em nome de Chico Mendes? Em nome dos seringueiros?

JB — Você acha possível pacificar esses grupos?

Ilzamar — Acho difícil. Na hora que a gente procura sentar para discutir, pra botar os pingos nos is, as pessoas se escusam ou aparecem com outras queimações em cima da gente. Já tentei muitas vezes conseguir a unidade.

JB — A que você atribui essas divisões todas?

Ilzamar — Às famosas assessorias, essas pessoas que se meteram no meio do Movimento, que falam em nome da causa, que querem substituir Chico Mendes, que manipulam os seringueiros. Acho que, se essas pessoas deixassem de interferir tanto, se fossem afastadas do Movimento, as coisas iam melhorar, o trabalho do Chico ia continuar. Só o Conselho deve ter uns oito assessores. A Mary, por exemplo, nunca teve participação efetiva no

Movimento. Nunca teve. Ela hoje conseguiu fazer a cabeça dessas pessoas. Outro, que é assessor do Sindicato e do Conselho, é o Gumerindo. Ele caiu em Xapuri de paracaídas. Essas pessoas não sabem o que é cortar siringa, o que é um seringueiro. O Júlio Barbosa e outros companheiros que antes da morte do Chico viviam no seringal, tiveram suas cabeças feitas pelos assessores. Antigamente não agiam, não pensavam como hoje. Eram pessoas simples, amigas, companheiras, não eram interesseiras. Em compensação, companheiros de 15 anos do Chico, como Sabá Gomes, Luis Targino, Raimundo Lopes Filho - pessoas que sofreram junto com o Chico, que foram presas, torturadas pela polícia - foram afastadas do Movimento pelas famosas assessorias. O pior é que a base do Movimento — os seringueiros — também está dividida. Há uma parte que sabe que está sendo manipulada, mas há outra de cabeça feita mesmo.

JB — Diante de tudo isso, você acha que a luta do Chico Mendes foi em vão?

Ilzamar — Acho que aquele ideal pelo qual o Chico tanto lutou acabou. Todos nós sabemos que o que ele queria era a unidade, o companheirismo. Não era difamar, não era brigar. Os objetivos do Chico foram desviados pelas pessoas que hoje dirigem o Movimento. Está tudo completamente ao contrário do que o que Chico queria. Me lembro de um ditado dele. Ele vivia repetindo: 'Qualquer ajuda é benvinda, desde que não interfira no Movimento'. Agora é o que se vê.

JB — Você continua sendo ameaçada?

Ilzamar — A última ameaça foi no dia do julgamento dos dois filhos do Darli: Darci e Olóci. Quando eles foram condenados, fizeram umas duas ligações para casa me ameaçando. Há uns três meses fui agredida em plena rua. Eu estava sozinha quando o filho do Darli, o Darlzinho, e uns oito pistoleiros, me cercaram, me empurraram, me bateram nas costas e me xingaram. Ele me segurou pelo braço e um outro me bateu com uma coisa nas costas, acho que com um revólver dentro da bolsa. Apesar de terem cometido um crime que deu tanta repercussão nacional e internacional, os assassinos continuam agindo livremente. Como só três estão presos, os outros - filhos, sobrinhos, amigos do Darli — continuam em Xapuri impunes.

JB — Mas no plano afetivo tudo bem, não? Você e o Júlio já se casaram?

Ilzamar — Não. Estamos vivendo juntos, mas ainda não nos casamos. Não é o papel que faz a gente feliz, é a união, a consideração de um pelo outro. Estou ao lado de uma pessoa que está me ajudando, que sempre esteve do meu lado. Na minha vida pessoal, estou muito bem.

JB — Vocês pretendem ter filhos?

Ilzamar — Por enquanto não. Isso é coisa pra depois. Já tenho dois e está tão difícil criar esses dois que não dá pra pensar em outro não.

JB — A Justiça, que já reconheceu o primeiro casamento de Chico Mendes, não pode anular o segundo, o seu?

Ilzamar — Acho que não. Eu não sabia desse casamento dele. Por que eu seria punida? Fui casada com o Chico sete anos, sem contar o tempo que já vivíamos juntos. Como é que tudo isso poderia ser anulado? Conheço o Chico desde quando eu tinha oito anos. Nunca eu soube que ele era casado antes. Sou absolutamente inocente. Se ele realmente foi casado com essa mulher, ele nunca abriu o jogo comigo. Nem consigo nem com ninguém. Nunca ninguém chegou pra mim pra dizer. Não tenho que me preocupar.

JB — Mas você conhecia a filha dele.

Ilzamar — Conhecia. Quando vivia com o Chico, ela apareceu umas duas vezes lá em casa. Só que ele me disse que tinha tido um caso passageiro e que deste caso tinha uma filha. Ele nunca disse que era um casamento de fato.

JB — O filme vai realmente sair?

Ilzamar — Agora vai. Diziam que não ia haver filme por causa das brigas, da divisão do Movimento, que não iam poder filmar em Xapuri, etc. Mas não é verdade. As filmagens já vão começar. Em agosto, eles já vão documentar as queimadas. Vai ser no Pará porque lá tem mais. Depois, em março, eles se instalam em Xapuri para preparar tudo e, em maio, filmam a história. Ainda há pouco estive no Rio com o David Putnam, o produtor, discutindo todos os detalhes. Está tudo acertado.

JB — Por que você se decidiu pela proposta vencedora?

Ilzamar — Acima de tudo, porque o Chico era brasileiro e a história dele tinha que ser contada por um brasileiro. 60% dos artistas vão ser brasileiros. E, depois, a confiança que eu tive nas pessoas da JN. Elas sempre se mostraram interessadas no Movimento e na família do Chico. Isso é que me fez assinar contrato com a empresa de Joffre e Nelsinho Rodrigues.

JB — Você já escolheu os artistas?

Ilzamar — Não. Eles estão fazendo um levantamento e em seguida mandam uma lista de nomes pra gente analisar, discutir e aprovar. É para breve.

JB — Quem vai ser a Ilzamar?

Ilzamar — Não sei ainda.

JB — A Sônia Braga leva muita chance de conseguir o papel?

Ilzamar — Não sei se vai ser a Sônia, mas eu gosto demais dela, inclusive como atriz. Eu conheço ela, acho uma pessoa muito legal.

Assessorés

A culpa é das famosas assessorias, que se meteram no meio do movimento, manipulando os seringueiros.

Sônia

Não sei se a Sônia Braga vai conseguir o papel, mas eu gosto demais dela, inclusive como atriz.

Ideal

Acho que aquele ideal pelo qual o Chico tanto lutou acabou. Ele queria a unidade, o companheirismo.

Dólares

Quase dois anos depois, nunca recebi dólares, como a Mary Alegretti, como o sindicato e o Conselho.

Sobrevivência

Não tenho salário, não tenho emprego. Os Cr\$ 20 mil que o Júlio ganha como vereador é que nos salva.

Viúvas

Fiquei pensando na situação da viúva do Wilson Pinheiro, do Ivaí, do Zé Ribeiro, todas na miséria.